

Bancos crêem em redução da vulnerabilidade

Brasil conseguirá fechar as suas contas mesmo sem dinheiro de fora, diz presidente da Febraban

SUELI CAMPO

O conjunto de medidas do pacote fiscal vai diminuir a vulnerabilidade do Brasil ao financiamento externo, afirma o presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Roberto Setúbal. Com essa economia de R\$ 20 bilhões, prevista no pacote, o País ficará muito menos dependente da entrada de recursos externos para fechar as suas contas, diz ele. O governo esperava uma entrada de capital estrangeiro, em 1998, de US\$ 35 bilhões, mas com a crise na Ásia percebeu que poderia ser mais difícil obter esses recursos, lembra.

“Com essas medidas o Brasil conseguirá fechar as suas contas mesmo que esse dinheiro não entre”, diz. Para Setúbal, o governo adotou um remédio amargo, porém necessário e que revela enorme compromisso com a moeda local. Ele disse que esperava um ajuste de 2% do Produto Interno Bruto (PIB), mas o ajuste acabou sendo maior, de 3%. O Brasil que já vinha reduzindo o déficit fiscal nominal em relação ao PIB — passou de 7% em 95 para 6% em 96 e este ano deverá cair para 4,7% — deverá em 1998 ter um déficit fiscal menor ainda, equivalente a 2,5% do PIB. É um número muito bom, menor até que o exigido dos países da Europa, compara o presidente da Febraban. Pelo acordo de Maastricht, os países devem ter um déficit equivalente a no máximo 3%.

Setúbal destaca o fato de o governo ter tomado medidas duras num momento próximo às eleições, o que mostra uma diferença muito grande em relação ao passado.

Outra ponto positivo, diz, é que o governo procurou balancear os cortes e o aumento de impostos. O efeito desse arrocho será a redução na atividade econômica até que ela se ajuste à nova realidade. Uma vez que a economia já tiver se readaptado a essas novas condições, Setúbal acha que o potencial de crescimento da economia será maior, pois ela estará menos vulnerável.